

A Geografia e as concepções ambientais na leitura de “O Tempo e o Vento”
The Geography and environmental conceptions in the reading of “O Tempo e o Vento”

Luciano Martins da Rosa¹

Liz Cristiane Dias²

Resumo:

Este artigo discute a relação existente entre a literatura e a Geografia, analisando as concepções ambientais expressa no livro “O Tempo e o Vento – O Continente, v. 1”, do escritor gaúcho Erico Veríssimo. Passa-se por uma revisão bibliográfica afim de perceber a relação entre as áreas, onde percebe-se uma afinidade para além da literatura enquanto ferramenta, mas como uma categoria dotada de geografia a partir de seu contexto e de suas particularidades. Busca-se também compreender o conceito de ambiente enquanto categoria de análise do espaço geográfico para justificar a escolha desse tema específico para este trabalho, em que percebe-se uma visão desnaturalizada, indicando o ambiente como espaço de natureza não primitiva, mas transformado e influenciado pelo ser humano. De igual modo, a partir das problemáticas ambientais atuais, sugere-se o conceito enquanto tema gerador numa relação interdisciplinar entre as ciências. A partir de uma análise literária identifica-se as diferentes concepções da relação homem-mundo e do conceito de ambiente na obra e, por fim, verifica-se em escolas públicas de Pelotas-RS a disponibilidade do livro analisado no acervo de suas bibliotecas, bem como sua utilização no cotidiano escolar, por meio de observações e entrevistas abertas com professores das instituições, para também ressaltar a relevância do uso da obra e desse tipo de trabalho no contexto da geografia escolar.

Palavras-chave: Concepções ambientais. Literatura. Geografia. Ensino de Geografia. Interdisciplinaridade.

Abstract: This article discusses the relationship between the literature and the Geography, analysing the environmental conceptions expressed in the book "O Tempo e o Vento – O Continente, v. 1 ", of the gaúcho writer Erico Veríssimo. We go through a bibliographical review in order to perceive the relationship between the areas, where one perceives an affinity beyond literature as a tool, but as a category endowed with geography from its context and its particularities. It also seeks to understand the concept of environment as a category of analysis of geographic space to justify the choice of this specific theme for this work, in which a denatured view is perceived, indicating the environment as an area of non-primitive nature, but transformed and influenced by the human being. Likewise, from the current environmental problems, the concept is suggested as a generating theme in an interdisciplinary relationship between the sciences. From a literary analysis, the different conceptions of the human-world relationship and the concept of environment in the work are identified, and finally, the public schools of Pelotas-RS see the availability of the book analyzed in the collection of their libraries, as well as their use in the daily school life, through

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas, Pós-Graduando em Geografia pela mesma instituição. lucianomartinsdarosa@gmail.com

² Professora Doutora do Instituto de Ciências Humanas/Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pelotas. lizcdias@gmail.com

observations and interviews with teachers of the institutions, to also highlight the relevance of the use of the work and this type of work in the context of school geography.

Keywords: Environmental conceptions. Literature. Geography. Geography teaching. Interdisciplinarity.

Introdução

Desenvolvido a partir da pesquisa de monografia realizada no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, este artigo justifica-se na proximidade e afetividade do autor para com a literatura, inicialmente, em diferentes gêneros e formas, mas embasada nos objetivos da Geografia dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais, onde se busca explorar diferentes linguagens, como a literatura, na leitura e análise de informações espaciais, tratando que

É possível aprender Geografia desde os primeiros ciclos do ensino fundamental, mediante a leitura de autores brasileiros consagrados (Jorge Amado, Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros), cujas obras retratam diferentes paisagens do Brasil, em seus aspectos sociais, culturais e naturais (BRASIL, 1998, p. 33)

Enfatiza-se, então, além da relação geográfico-literária, o próprio Erico Veríssimo, notório escritor gaúcho cuja obra máxima é “O Tempo e o Vento”, publicada a partir de 1949. Ademais, seu primeiro volume (a obra completa possui sete volumes, divididos em “O Continente”, “O Retrato” e “O Arquipélago”) se mostra importante e popular na literatura gaúcha e brasileira, além de decisivo para a ilustração das relações da ficção com fatos históricos na construção do ambiente local, do interior fronteiro do Rio Grande do Sul (auxiliando no processo de reconhecimento da realidade vivida, por vezes não percebida ou reconhecida por estudantes e professores de Pelotas e região). Também seu primeiro volume, considerado o mais importante, ganhou adaptações para a televisão e o cinema, podendo ser lido de forma isolada dos demais. A obra é uma das poucas da segunda fase modernista da literatura brasileira, a regionalista, que explora a Região Sul do Brasil, e busca explicar a partir da saga de, principalmente, duas famílias a construção do povo, do território gaúcho e brasileiro durante 200 anos (150 anos no primeiro volume) pela ligação com a terra, conflitos e disputas familiares.

Para além do livro que permeia este estudo, percebe-se a relevância da literatura para a quebra de uma concepção mnemônica na geografia escolar. Castellar (2010) é enfática ao escrever que um dos desafios postos aos professores contemporâneos é o de “superar os vícios de uma educação estática, inerte e ineficaz” (CASTELLAR, 2010, p. 39), buscando uma maior criatividade, e propondo uma reinvenção do professor na escola. Seguindo esta linha, sugere-se que “os textos literários não podem ser meros pretextos para aprendizagem gramatical ou metalinguística, porque não se esgotam na superfície textual” (DALVI, 2013, p. 134). Acredito, então, na função histórico-social de um livro, e também geográfica, na leitura do contexto ou das entrelinhas, a capacidade de um livro (ou uma coleção, ou uma biblioteca) não finda em uma única disciplina ou área do conhecimento, já que carrega também intenções, estereótipos e demais pontos subjetivos.

O objetivo geral do trabalho é avaliar a relação entre Literatura e Geografia a partir das concepções ambientais expressas na obra “O Tempo e o Vento – O Continente, v. 1”, passando pelos objetivos específicos de: Perceber a relação existente entre Literatura e Geografia; Compreender o conceito de ambiente enquanto categoria de análise geográfica; Identificar as diferentes concepções e ideias de ambiente na obra analisada e; Verificar a disponibilidade da obra literária em bibliotecas de escolas públicas de Pelotas e seu uso.

Revisão teórica

A revisão teórica deste artigo inicia-se pela relação entre a Geografia e a Literatura, esta última podendo ser pensada a partir da ideia de leitura como a forma de desvendar sinais e assim criar diferentes concepções sobre os objetos, sendo considerada uma tarefa de valor cultural, até a ideia de literatura como conceito de nível social minoritário a partir do século XVIII, que incluía, até então, tudo que fora impresso. Numa visão contemporânea, porém, é preciso utilizar-se da referência de Cândido (2006), notório autor de estudos literários do Brasil, que traz uma concepção de literatura enquanto sistema vivo de obras e instrumento atemporal, dotada de significações pelos leitores, a partir das diferentes significações dadas pelos autores.

Sua relação com a Geografia, então, pode ser considerada para além dos primeiros contatos interdisciplinares entre as ciências, por envolver significado a partir de diferentes sujeitos, tempos e espaços. Porém, Pierre Monbeig (1908-1987), geógrafo francês humanista com carreira na Universidade de São Paulo, teria sido o primeiro geógrafo a criticar as enfadonhas leituras geográficas presentes nos manuais da primeira metade do século XX, tratando obras literárias “não geográficas” como opção, sendo um recurso ilustrativo para o ensino de geografia.

Silva e Barbosa (2014) entendem que a literatura deve ser explorada como o resultado de um processo, e não apenas como ilustração para o ensino da geografia, considerando que a literatura acaba por refletir “as condições históricas e geográficas em que foi composta” (SILVA; BARBOSA, 2014, p. 86). Os autores também não compreendem a literatura como uma ferramenta, por, em suas concepções, não buscarem uma delimitação geográfica, conceito ou tema a ser discutido numa análise literária, mas acreditam que a literatura por si só é também geográfica. Ferreira (1999), por sua vez, contribui enfatizando a importância do uso de obras literárias no ensino de geografia pela insatisfação com o livro didático, por vezes o único instrumento utilizado nas salas de aula, por outras, até mesmo o único disponível nos ambientes escolares.

Dentro da ideia de relação entre as disciplinas presente na pesquisa, é crível pensar que a literatura não deve ser um simples plano de fundo para o ensino da Geografia, condicionando-se assim, a ser tratado como um elemento pedagógico (dos vários possíveis) que evidencia a possibilidade da existência de uma relação interdisciplinar, auxiliando na criação de novas experiências aos alunos a partir de uma conversação e intercâmbio entre duas disciplinas ou temas distintos, que também passam a enriquecer-se mutuamente.

Dentro dessa perspectiva, é pertinente tratar dos temas geradores, em síntese, uma ideia de Freire (2011), que pressupõe um determinado tema que relacione interdisciplinarmente duas áreas em busca de uma leitura crítica da sociedade. Permite, então, que os sujeitos demonstrem os níveis de compreensão que tem de uma realidade, mas

também insiram essa realidade em contextos maiores, compreendendo melhor o que está sendo analisado.

Dessa forma, têm espaço temas ambientais, como também colabora Tozoni-Reis (2006), que prefere dar ênfase aos temas locais, que podem ser melhor contextualizados para determinado público alvo, que passam a ser o eixo de uma proposta metodológica que visa conscientizar.

Assim, é possível entender e pensar que um trabalho a partir de um tema gerador relacionado com a problemática ambiental local possa ser significativo no que diz respeito à conscientização ambiental, fazendo compreender a ocupação e a exploração do meio ao longo dos tempos, por exemplo, ao buscar nesse tema um elo de ligação (ou elo interdisciplinar) para a Geografia e a Literatura, e especificamente, por exemplo, tratar do primeiro volume de “O Tempo e o Vento”, objeto deste trabalho. Nesse sentido, é possível atingir os objetivos de uma análise, e é também por isso que elenca-se o ambiente como conceito-chave ou tema gerador nessa discussão e busca por contribuições entre Geografia e Literatura.

Ainda, para justificar o trabalho com o conceito de ambiente e as concepções ambientais da obra, foi preciso tratar da delicada categoria com autores que trabalham o ambiente enquanto categoria geográfica essencial, já que o mesmo não é consenso dentro da própria ciência. Uma das maiores expoentes nessa linha no Brasil é Suertegaray (2001), que inclui o ambiente como categoria balizadora da ciência geográfica por ser um dos conceitos mais operacionais, e que, para ela, delinea um caminho metodológico.

Para a autora, não é mais possível idealizar o ambiente como natural, sinônimo de natureza primitiva, o qual, selvagem e formado por objetos naturais, já foi superado, implicando então em considerar o homem como sujeito das transformações ambientais, sem negar também os impactos existentes.

É fundamental porém, para essa abordagem, considerar sim a forte concepção naturalista que o meio ambiente sempre possuiu, e até mesmo as críticas relacionadas à terminologia correta a ser utilizada, não adentrando a ideia de “meio” como “parte”, mas “entendemos que é preciso deixar para traz a concepção de meio ambiente marcada por princípios naturalistas. Compreendemos o ambiente por inteiro, o homem e suas ações, sejam elas econômicas, sociais, políticas, culturais (SILVA; DIAS, 2013, p. 10)”. Dessa forma, é prudente aceitar também as variações da terminologia “ambiente” que se encontram fora da Geografia, confundidas com espaço ou até mesmo lugar.

Mendonça (2001), ao tratar da Geografia Socioambiental, enfatiza e leva em consideração todas essas contribuições e ações do ser humano no moldar da natureza primitiva que, de forma alguma, pode ter seu discurso reproduzido hoje enquanto ambiente. O autor sinaliza que falar do ambiente é uma das principais características da geografia, mas que sua concepção mudou muito ao longo dos tempos, preocupando-se nas últimas décadas com o social, sendo que a chamada crise ambiental contemporânea, pode ser mais uma crise da razão do homem, e não pode ser encarada sem considerar o social e o natural juntos, pois são elementos de um mesmo processo. Gonçalves (1989), por sua vez, propõe um ambiente com suas múltiplas “facetas”, e como os demais autores que embasam esta afirmação-conclusão, suprime o conceito de ambiente equivalente a natural. O ser humano é, assim, o principal agente do ambiente, mesmo sem desconsiderar demais tensões e movimentos, mas que, na

geografia, também são consideradas em sua grande parte produto do homem, não mais naturalizado, mas ser social produto e produtor.

Para compreender, além do conceito de ambiente, as diferentes concepções ambientais advindas da relação ser humano-meio, úteis na sequência para entender até mesmo o momento histórico da obra analisada e a visão de ambiente tida pelos personagens, utiliza-se de Vestena (2011), que considera três as concepções essenciais. A primeira, judaico-cristã, “afirma que o homem não seria o rei da criação, mas o rei da Terra, e que todas as ervas, árvores, pássaros e tudo o que se move sobre ela estaria à sua disposição” (VESTENA, 2011, p. 21), podendo o ser humano explorar a sua maneira tudo que lhe fora oferecido na Terra e, apesar do homem modifica-la, o contrário não é aceito, ou seja, os fenômenos e catástrofes ambientais não seriam de responsabilidade humana direta, mas enviados como castigo de punição ao ser humano.

A segunda, concepção mecanicista de mundo, as relações entre homem e meio são divididas e repensadas, uma perfeita máquina em que a natureza é composta por fenômenos interligados a partir do domínio humano. Deus, da vertente judaico-cristã, deixa de ser o centro do mundo e das explicações, lugar que passa a ser ocupado pelo ser humano e sua inteligência. A ciência ganha tanto destaque, nesse processo, que passa a objetivar o domínio da natureza, antes de tudo. Assim, mais rapidamente outras correntes do pensamento se apegam no que atualmente se configura uma terceira concepção, a organicista ou evolucionista, que surge a partir da ideia de mudança e desenvolvimento evolutivo. A Terra é caracterizada enquanto resultado de um desenvolvimento contínuo, e o homem perde força nesse sentido por não ter uma influência significativa no mundo tal como a própria natureza possui.

A evolução dos seres vivos pela influência ambiental até a chegada ao homem atual faz desse ser humano, até pouco centro do mundo, apenas um detalhe. Essencialmente, essa nova visão da realidade ambiental de mundo se apega na ideia de mútua relação entre todos os fenômenos e seres que constituem o ambiente. Há uma relação evidente entre homem e natureza, que agora transformada, exige uma preocupação em articular de forma organizada os recursos para um equilíbrio ambiental completo.

Apesar de poderem ser destacados momentos históricos em que cada concepção ganha força frente à anterior, não é possível excluir as concepções anteriores, pois são envoltas por questões políticas e ideológicas, em que todas ainda têm espaço nos dias atuais. Nesse sentido, Cidade (2001) vai além, e sugere uma análise da visão do mundo por povos não ligados à cristandade, que por ora consideraram a natureza como uma grande mãe (como as sociedades agrícolas), e em outros momentos enfatizaram a relação de poder e dominação sobre o meio (como as sociedades caçadoras nômades), rompendo com a ideia de uma linha do tempo que definiria a relação homem-natureza.

Brügger (1999) contribui sugerindo uma educação ambiental na abordagem dessas concepções e conceitos de mundo, ambiente e natureza. Compreende-se que essa educação vai além de uma modalidade de educação formal, disciplinar, devendo ser crítica e interdisciplinar (adentrando e encaixando-se perfeitamente na discussão proposta por este trabalho), e abordar justamente a história dos processos da relação sociedade-natureza, além dos homens entre si, também devendo ser vista como uma luta pela difusão e discussão de uma determinada concepção de mundo, e não somente como uma tentativa de conscientização ambiental. Dessa forma, a geografia pode servir de elo para essa discussão, tendo

contribuições, nesse sentido, até mesmo dos PCN, que trazem o meio ambiente como um dos principais temas transversais a permear as disciplinas, em especial a Geografia.

Materiais e métodos

Foi realizada uma pesquisa qualitativa quanto a natureza dos dados, ao explicar o porquê dos fenômenos e regularidades, com o objetivo de produzir informações aprofundadas e ilustrativas, sem a necessidade de estudos quantitativos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). Nos utilizamos de Godoy (1995, p. 21) para afirmar que “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrínsecas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”, também por reconhecer este tipo de pesquisa como flutuante entre diferentes ambientes, junto das relações sociais desenvolvidas nos mesmos, e assim propícia a uma análise teórica e de campo, adaptada às realidades encontradas no percurso deste trabalho.

Os procedimentos realizados foram primordialmente de três tipos. Em primeiro lugar, a pesquisa bibliográfica ou revisão de literatura utilizada na busca por justificativas para considerar o ambiente um conceito ou categoria balizadora da ciência geográfica. Também numa abordagem das concepções ambientais e de mundo provenientes da relação do ser humano com a natureza ou seu meio ao longo da história, bem como a relação, a partir da leitura de trabalhos similares em diferentes áreas do conhecimento já produzidos, entre a literatura e a geografia, especificamente o ensino desta.

Em segundo lugar aparece a pesquisa documental, que é feita a partir do momento em que considera-se a clássica obra analisada de “O Tempo e o Vento” também como um documento sócio-histórico e geográfico. A leitura para análise do primeiro volume de “O Tempo e o Vento – O Continente”, foi realizada em dois momentos, num primeiro para ater-se a uma visão geral da obra, e num segundo momento com uma visão crítica do discurso literário, analisando os pontos projetados com anotações e pontuações a respeito das concepções geográficas, bem como de um apanhado geral da história e do contexto, para elucidar o leitor quanto ao que se está trabalhando.

Também, dentro da pesquisa documental se encontra a análise de documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais e o que trazem a respeito do trabalho com diferentes instrumentos e ferramentas, como a literatura no ensino de geografia. Com base em Godoy (1995), afirma-se que os documentos podem ser entendidos de maneira ampla, desde jornais, passando por revistas, cartas até obras literárias, e por isso a inclusão desses diferentes tipos de texto num mesmo tipo de pesquisa.

É importante compreender que, ao analisar a obra, as partes destacadas para comentários acerca de sua relação com o conceito e as concepções de ambiente, se deram por motivações de palavras e termos ligados à natureza com suas transformações, referências à terra e motivações aproximadas de um entendimento de ambiente enquanto meio em que o elemento humano se apresenta como agente transformador, que altera a natureza primitiva do mesmo. Também, da mesma forma, buscou-se a palavra “ambiente” por si só, procurando entender o que ela estaria representando na obra.

Porém, fundamental na leitura da obra foi a análise de conteúdo, principalmente a partir de Bardin (2011). Sobre a “construção” de uma análise, Bardin trata da descrição analítica, que deve ser homogênea, exaustiva, exclusiva, adequada ou pertinente (adaptada ao conteúdo e ao objetivo), também falando da inferência (que compreende as causas de dado enunciado, e as consequências que pode provocar), lembrando que “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 44). O tradicional método se mostra importante na análise literária histórica por buscar compreender até mesmo as entrelinhas no esgotamento das possibilidades da totalidade textual, compreendendo o autor, o contexto em que a obra foi escrita e o máximo que se pode relacionar à influência do ambiente no enredo.

Por fim, em terceiro lugar foi realizada uma pesquisa de campo com o levantamento sobre a disponibilidade da obra e sua coleção em bibliotecas escolares delimitadas. Foram definidas quatro escolas, sendo elas instituições públicas participantes do projeto do PIBID em Pelotas, por demonstrarem uma relativa abertura para projetos externos, principalmente da Universidade Federal de Pelotas. Optou-se por trabalhar preferencialmente nas escolas em que o grupo disciplinar do PIBID Geografia se insere, através de supervisoras e bolsistas. O trabalho de campo se faz também com um diagnóstico sobre quais agentes do espaço escolar se utilizam da obra e com que frequência é feita, bem como de que forma é gerenciado o espaço das bibliotecas escolares.

Ao adentrar o espaço escolar para a consulta a respeito do uso das bibliotecas e da disponibilidade da obra analisada nos acervos, foram realizadas entrevistas qualitativas não estruturadas, ou abertas, com professores responsáveis, em que, a partir de Bogdan e Biklen (1994), são tidas como uma forma de se relacionar em que o entrevistador encoraja o sujeito a falar sobre a área de interesse, que em seguida é explorada mais profundamente. Pensou-se nesse tipo de abordagem pelo fato do sujeito entrevistado estar à vontade e falar livremente sobre seu ponto de vista, não se limitando à questões cujas estruturas sejam demasiadamente fechadas, até porque, o objetivo nesse ponto é apenas destacar as percepções do professor, que apresentará o espaço da biblioteca e irá expor a forma com que a mesma é utilizada e gerida.

Resultados e discussões

Na visualização de uma desconstrução da ideia de ambiente ou natureza primitiva, com o reconhecimento da influência humana direta e indireta sobre o meio, analisou-se o livro “O Continente, v. 1” da série “O Tempo e o Vento”, de Erico Verissimo, após a revisão teórica dos conceitos e afinidades trabalhadas nesta pesquisa. O livro é dividido em quatro partes, que são intercaladas temporalmente ao longo da obra: O Sobrado, A Fonte, Ana Terra e Um certo capitão Rodrigo.

Iniciando n’o Sobrado, ambientado na cidade fictícia de Santa Fé, um refúgio republicano sitiado pelos maragatos na Revolução Federalista de 1893, o local e o conjunto da obra indicam a água como meio de vida, além de laranjeiras próximas ao sobrado como únicos recursos possíveis e estratégia de guerra. Ainda, a figura da mulher é naturalizada (relacionada ao natural primitivo) e desvalorizada, apesar de D. Bibiana ser peça-chave na história e “autora” de frases marcantes como “o vento mania o tempo” (VERISSIMO, 2004, p. 41), em referência à influência ambiental sobre o tempo de guerra. O termo ambiente aparece podendo ser lido como o conceito geográfico de lugar, num quarto íntimo e fechado,

mas é compreendido, enquanto ambiente externo, como espaço de sustento a partir da exploração da terra, impossibilitada durante o cerco ao sobrado. Pelas concepções que sustentam teoricamente a discussão, a judaico-cristã prevalece, por aparecer Deus como provedor da natureza e de seus fenômenos nos capítulos relacionados ao sobrado.

“A Fonte” se passa na região das Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul em meados do século XVIII, e ilustra o “Continente do Rio Grande de São Pedro” construído por uma lenta e longa disputa ibérica, ainda com a exploração do interior do atual Estado do RS por desbravadores, a presença e influência indígena até mesmo nas tradições das reduções jesuíticas (com fenômenos e ocasiões compreendidas não só mais numa visão puramente teísta, mas ligada à “natureza” do ambiente). O solo aparece como provedor do sustento da redução para subsistência e exportação e os fenômenos naturais alteram a dinâmica e o cotidiano do local, havendo uma inquestionável ação do homem sobre o ambiente na ocupação e definição do território.

Em “Ana Terra”, ambientado numa estância isolada do interior do atual Estado no final do século XVIII, uma família ligada à terra (ainda com o sobrenome Terra por indicativo) depende de fenômenos naturais para a compreensão do tempo (pelo isolamento). O ambiente é tido como espaço de sustento, de ação, mas não fundamentalmente de construção humana. Ao final da saga da primitiva família Terra, Ana ajuda a fundar o povoado de Santa Fé, a partir da exploração de um ambiente de natureza quase primitiva.

Já em “Um certo capitão Rodrigo”, na Santa Fé do segundo quarto do século XIX, Igreja e religião ditam leis universais e são alicerces do Estado (Império), sendo Deus o provedor de tudo. Há uma clara valorização da ligação do homem com a terra, e das relações de poder estabelecidas no local como reflexo de um contexto maior, sendo o ambiente lido como território, de poder e status.

Muitas das impressões tidas na leitura foram possíveis a partir do método da análise de conteúdo, e relacionada à Geografia e às concepções ambientais, é visível o ambiente enquanto espaço de sustento e provedor de vida, essencial para os personagens nos diferentes tempos e espaços, além da influência religiosa no contexto da obra.

Por fim, na busca pelas condições de acesso à obra em bibliotecas escolares públicas de Pelotas, verificou-se em quatro escolas estaduais de diferentes bairros da cidade a sua disponibilidade a partir da ligação do pesquisador e da orientadora com professoras supervisoras do PIBID UFPel nas escolas, sendo o contato e acesso tranquilos, havendo diálogos produtivos sobre a situação das escolas, das bibliotecas e sua abertura aos estudantes e as obras disponíveis nos acervos a partir de observação empírica e entrevistas abertas. As escolas analisadas foram a Escola Estadual de Ensino Médio Areal, do bairro de mesmo nome; a Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rita, do Jardim Boa Vista; a Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Antônio Leivas Leite, da COHAB Tablada; e Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Luís Carlos Corrêa da Silva, da Guabiroba.

De forma geral, todas as bibliotecas das respectivas escolas possuem características similares, havendo a disponibilidade da obra pesquisada, porém, os livros quase não são retirados para leitura do acervo, não havendo incentivos quanto à leitura, em específico de obras nacionais, nas instituições. Também, os espaços são subaproveitados e desorganizados em sua maioria, carecendo ainda de um cadastro de obras atualizado, não havendo nenhum profissional fixo e especializado responsável pela organização e cuidado das bibliotecas e acervos, dentre todas as escolas visitadas.

Considerações finais

Para não concluir este trabalho, mas deixá-lo aberto às possibilidades sobre o que foi aqui analisado, é necessário que se façam algumas colocações sobre as impressões tidas de acordo com a proposta e com os objetivos trabalhados durante a investigação e a escrita, para que assim, de alguma forma, possam ser mensuradas as contribuições da pesquisa para a temática.

Por tudo que fora discutido, a partir da justificativa, referencial teórico e do campo de pesquisa, é possível afirmar que a Geografia e a Literatura possuem uma afinidade interdisciplinar, e sua relação vai além de uma concepção de literatura como ferramenta ou apenas recurso ilustrativo para a Geografia e seu ensino, mas visualiza-se Geografia nas entrelinhas de obras literárias a partir do contexto em que o autor é forjado e o ambiente em que o texto é concebido, influências e posições, diretas ou implícitas. Porém, na origem e tradicionalmente utilizadas como recurso ilustrativo, a literatura na Geografia, desta forma, também não merece ser desvalorizada, pois é comparada às outras ferramentas geográficas atemporais e auxiliar no ensino de Geografia, por vezes ainda enfadonho e mnemônico, apesar de, pelas características atuais, dever ser valorizada a construção da ideia de literatura também como geográfica.

Pode ser considerada acertada a opção pelo conceito de ambiente e as concepções e discussões ambientais na pesquisa por serem pertinentes a partir dos problemas agravados pela delicada relação ser humano-meio e sua compreensão ao longo dos tempos e nos dias atuais, a temática permeia a obra em questão e é fundamental para a compreensão da realidade local, além, é claro, de atualizar o conceito de ambiente que permeia o imaginário do senso comum, que visualiza ainda uma natureza primitiva, tratando de reconhecê-la como transformada e com o ser humano como agente decisivo em todos os processos que ocorrem nessa categoria do espaço.

Suertegaray (2001) e Mendonça (2001) acabam por ser os maiores contribuintes ao trabalho, nesse sentido, por incluírem o ser humano como sujeito primordial nessa discussão, e tratarem do ambiente enquanto meio ou local de ocorrência das manifestações humanas, porém, é compreensível concluir que o ambiente enquanto espaço naturalizado ainda é muito usual, e deve ser levado em consideração, já que foi um conceito que por muito perdurou dentro da ciência geográfica. Ainda nessa linha, pode-se compreender as concepções de mundo a partir da relação homem-natureza ao longo dos tempos, em que é evidente que essas relações modificam-se primordialmente nas percepções dessas concepções, já que o homem sempre explorou a natureza e fez de seu meio um ambiente forjado em favor de suas necessidades, tanto na ideia da concepção judaico-cristã, em que o ser humano entende a natureza como pertencente a ele, mas seus problemas não lhes dizem respeito, quanto nas demais correntes, em que essas relações são alteradas, o homem continua a agir, mas encara seu poder de forma diferente.

Na obra analisada, as concepções ambientais se mostram muito ligadas à religiosidade dos personagens, da influência da Igreja na sociedade da época. A natureza, por sua vez, em alguns momentos, se apresenta com um papel místico, com o vento, por exemplo, característico do Pampa, sendo prenúncio de grandes acontecimentos. De forma geral ligado à ideia de misticismo, proximidade dos personagens com a terra e o ambiente natural, o conceito aparece na obra como próximo a lugar, conceito geográfico que indica intimidade, e

por vezes também sinônimo de território, ou espaço de poder. Mas também, e principalmente, a partir de elementos da natureza transformada e totalmente adaptada ao uso das pessoas, sendo meio de vida. Assim, as concepções de ambiente expressas em “O Tempo e o Vento” são diversas, plurais e se diferem a partir da perspectiva observada, os personagens retratados e a importância que o espaço tem para a existência de cada um.

Na última parte do trabalho, com a pesquisa de campo em escolas públicas de Pelotas-RS, pode-se observar, inicialmente, uma boa receptividade das instituições, e além disso, a confirmação da existência da obra “O Tempo e o Vento” nas mesmas, senão na totalidade dos volumes, ao menos em parte. Porém, as bibliotecas mostram-se subaproveitadas e são tratadas como depósitos, em sua maioria, principalmente de livros didáticos, e a coleção pouco foi utilizada ao longo de vários anos pelos estudantes.

Somadas as conclusões acerca da contribuição geográfica da literatura, em especial do contexto apresentado em “O Tempo e o Vento – O Continente, v. 1”, que apresentou o ambiente enquanto essencial na formação e consolidação de uma cultura e de um povo num determinado espaço; às contribuições observadas nas bibliotecas escolares, sobre a presença da obra de Veríssimo mas da subutilização da mesma, assim como de demais, é plausível chegar a um consenso já previsto no referencial teórico, ao traçar importante paralelo entre as áreas da Geografia e das Letras, e afirmar que é possível trabalhar questões como essas dentro do ensino de geografia, no nível fundamental e médio de escolas públicas, que também carecem de fontes e instrumentos metodológicos de ensino.

Essas contribuições, porém, não devem parar nesse momento, sendo apenas um recorte a respeito dessas afinidades e possibilidades subaproveitadas dentro da academia e das escolas, que deverá seguir evidenciando além de uma metodologia de trabalho, mas também uma evidente relação interdisciplinar, que pode se expandir ao abarcar evidências de relações ou interdependências ainda mais amplas

Agradecimentos

Agradeço à professora e orientadora Liz Cristiane Dias pela confiança depositada nas minhas escolhas, fazendo do nosso trabalho um excelente material de reflexão sobre o que acreditamos, e também às professoras supervisoras do PIBID UFPel, pela abertura e apoio no momento mais decisivo da pesquisa.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. 156 p. Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso em 19 nov. 2015.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994. 335 p.

BRÜGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental**. 2. ed. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1999. 159 p.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. 199 p. Disponível em: <http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2016.

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAES, E. M. B.; MORAES, L. B. **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Vieira, 2010, p. 39-58. Disponível em: <<http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2014/04/LIVRO-FORMAÇÃO-DE-PROFESSORES-CONTEÚDOS-E-METODOLOGIAS-NO-ENSINO-DE-GEOGRAFIA-2010.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

CIDADE, L. C. F. Visões de mundo, visões da Natureza e a formação de paradigmas geográficos. **Terra Livre**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 99-118, 2001.

DALVI, M. A. Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas. **Caderno de Pesquisa em Educação**. PPGE/UFES, Vitória, a. 10, v. 19, n. 38, p. 123-140. Vitória, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/7896/5604>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

FERREIRA, C. C. M. Ensino de geografia: uma proposta metodológica para o uso da literatura infanto-juvenil na sala de aula, por professores de geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**. AGB, Porto Alegre, n. 25, p. 9-19. Porto Alegre, 1999. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/39724/26280>>. Acesso em: 30 set. 2016.

FREIRE, P. R. N. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 184 p.

GERHALDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1. ed., 2009. 120 p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 21-63. São Paulo, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000400008>. Acesso em: 18 abr. 2016.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989. 152 p.

MENDONÇA, F. A. Geografia Socioambiental. **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p. 113-132. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.agb.org.br/files/TL_N16.pdf>. Acesso em: 12 maio 2016.

SILVA, E. B.; DIAS, E. R. Natureza e Meio Ambiente no ensino de Geografia: a percepção dos alunos das escolas públicas de Minaçu-GO. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 4, n. 6, p. 3-30. Uberlândia, MG, 2013. Disponível em: <<http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N.6/Art1v4n6.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

SILVA, I. A.; BARBOSA, T. O ensino de geografia e a literatura: uma contribuição estética. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 49, p. 80-89. Uberlândia, MG, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/23358/14361>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, n. 93. Barcelona, Espanha, 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>>. Acesso em: 10 maio 2016.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Educação ambiental: natureza, razão e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. 170 p.

VERISSIMO, E. L. **O tempo e o vento**, parte I: O Continente I, 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 416 p.

VESTENA, C. L. B. **Piaget e a questão ambiental: sujeito epistêmico, diagnóstico e considerações educacionais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. 174 p.